

**O EU-LITERÁRIO: UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AUTORA, OBRA E LEITOR NO CONTO “O ANJO” DE MARIELLE<sup>1</sup>**

*THE LITERARY-I: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP AMONG AUTHOR, WORK AND READER IN THE SHORT STORY “O ANJO” OF MARIELLE*

**Antonio Daniel Felix**

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

**Wellingson Valente dos Reis**

Universidade da Amazônia

**RESUMO:** Este trabalho visa discutir a respeito de como ocorre a relação entre autor, obra e leitor, em especial, entre esses dois últimos, a partir de uma análise do conto “O anjo” de Marielle e da análise da recepção dele por um grupo de universitários do curso de licenciatura plena em língua portuguesa. E, a partir dessas análises, visamos descobrir as possíveis relações entre o primeiro e o segundo plano, isto é, as relações entre a obra em si e o conhecimento de mundo de cada leitor, e o polo artístico, momento em que o autor escreve a obra, e o polo estético, momento em que o leitor ler a obra, buscando mostrar quais signos linguísticos cooperam para essa possível relação entre autor, obra e leitor. Este trabalho terá como base, principalmente, os estudos de Iser (1996) seguidos pelas contribuições de Compagnon (2010) e Zilberman (2001) dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Recepção; relação literária; eu-literário.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss about the way the relationship among author, work and reader occurs, especially between the latter two, from an analysis of the short story “O Anjo” of Marielle and from the analysis of its reception by a group of undergraduate students of the course of Portuguese language. Thus, from those analyzes, we aim to discover the possible relations between the first and second planes, that is, the relations between the work itself and the world knowledge of each reader, and the artistic pole, the moment in which the author writes the work, and the aesthetic pole, the moment in which the reader reads the work, seeking to show which linguistic signs cooperate for this possible relationship among author, work and reader. This work is going to be mostly based on the studies of Iser (1996) followed by the contributions of Compagnon (2010) and Zilberman (2001) among others.

**KEYWORDS:** Reception; literary relationship; literary-I.

## **INTRODUÇÃO**

Há anos que sabemos que não há a possibilidade de existir uma única interpretação cabível a qualquer obra literária. Vários estudiosos como Umberto Eco (2015), Jauss (1994) e Iser (1996), principalmente, por meio de seus estudos de recepção e/ou análise de obras literárias nos provam que a questão unívoca de interpretação é

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ilusória e que até mesmo o autor de uma dada obra nunca poderia “esvaziá-la” ou preencher todas suas lacunas interpretativas.

A obra literária é como se fosse um “universo” de possibilidades, pois possui inúmeras perspectivas, embora este universo seja guiado por um “sol”, algumas perspectivas dominantes, que, por meio de estratégias textuais guiam os leitores a determinadas interpretações, que jamais serão exatamente iguais, mas que, de uma forma ou de outra, sempre terão um teor de similaridade muito grande em sua base, uma vez que, na realidade, a obra literária é inalterável ou imutável, isto é, ela não muda ao passar dos anos, décadas, séculos, etc., mas, sim, os seus receptores, o seu público leitor.

Daí é que concordamos com Compagnon (2010), ao dizermos que a obra literária é independente, em virtude de, após seu nascimento, isto é, sua publicação, ela ganha vida própria, quando referenciada, falamos sobre os personagens, o enredo e tudo mais que a constitui, pouco falamos de seu criador, muito embora, saibamos que sem ele a obra não existiria.

Por outro lado, também sabemos que, como dizem Iser (1996) e Compagnon (2010), a obra literária precisa de um autor para sua criação, bem como precisa, também, de um leitor para sua vivência, quero dizer, para cumprimento de seu “destino/objetivo de existência”, que é proporcionar aos seus atuais e futuros leitores, aquilo que a vida real lhes negligencia.

Ademais, vale ressaltar que, quando criada, a obra surge a partir de um ponto de vista de um indivíduo, sendo que ela, quanto criação, é feita a partir do conhecimento linguístico, de forma geral, desse indivíduo, da mesma forma que sua recepção, por sua vez, dar-se a partir do conhecimento linguístico geral de seu público leitor.

Em relação a esse conhecimento linguístico geral, referimo-nos ao que diz Bakhtin (2014), quando discute a constituição do sujeito, afirmando que ele se constitui a partir da aquisição da linguagem, sendo esta a base de todo o conhecimento e, conseqüentemente, o que singulariza o sujeito, bem como todas suas relações com os outros.

Por isso, a interpretação é adaptável, ou seja, cada leitor a realiza a partir de sua experiência linguístico-social, atribuindo a uma mesma obra inúmeras interpretações, que, em seu núcleo, dialogam tanto entre si quanto com a obra. É a partir desses pensamentos que apresentaremos a seguir algumas interpretações atribuídas a um conto. Essas

interpretações são distintas no todo, ao mesmo tempo em que são semelhantes em partes, isto é, dialogam entre si e com o conto.

### **A AUTORA**

A autora do conto, Marielle Pereira Cardoso, tem, atualmente, 22 anos de idade. Nasceu em Mauá, em São Paulo, em 1995 e morou com seu pai e sua madastra, uma vez que seu pai é divorciado de sua mãe, e seus irmãos até os 13 anos de idade quando decidiu ir morar com sua mãe em Suzano, em São Paulo, onde reside até o momento.

É estudiosa e, apesar de gostar de escrever e amar ler, como ela mesma diz em seu blog, deseja cursar direito, eventualmente espera conseguir um bom emprego, de modo a ter condições financeiras para pagar seu curso, uma vez que é um curso muito concorrido no vestibular.

### **O CONTO**

O conto “O anjo” narra a estória de um rapaz que é apaixonado por sua prima. No entanto, esse amor dele por ela, provavelmente, nunca seria aceito pela família, devido serem primos e a diferença de idade entre eles, logo, esse rapaz, apesar de sempre ver sua prima, nunca teve coragem de declarar-lhe seu amor.

De qualquer forma, um dia, sabendo que sua prima estava prestes a ir embora e, portanto, ficar longe dele, Edgar decide declarar seu amor por Helena por meio de uma carta. Ele acreditava que ela não gostasse dele da mesma forma que ele gostava dela, com efeito, aquela carta com poema de amor era tão somente, acreditava ele, para revelá-la sobre seu amor, que estava prestes a “explodir em seu coração”, mas é surpreendido.

Ela, ao bater em sua portar no entardecer, diz que nunca pensou que ele a amasse daquela forma, sente-se encantada com sua carta e, a partir desse momento, eles começaram a ter um relacionamento escondido, sempre tendo encontros amorosos num hotel.

Certo dia, Helena chega até Edgar chorando. Ele pensa que ela terminaria o relacionamento com ele, mas, na verdade, Helena diz que está grávida. Edgar fica muito feliz, não obstante ela declara que esse filho não pode vir ao mundo, visto que sua família nunca o aceitaria.

Helena, desesperada, vai a um lugar clandestino para fazer o aborto da criança, mas acaba morrendo. Edgar, sem saber o que fazer, em sua casa, ao ver, na janela, uma pomba com os olhos semelhantes ao de sua amada, que lhe diz “acabou”, lembra-se da imagem de Helena dizendo que abortaria seu filho, daí, sai pela rua seguindo a pomba que o “guia” até o local onde Helena fora abortar, ao vê-la morta, volta em casa e, em seguida, vai até o hotel onde era acostumado a encontrar-se com sua amada, vendo a pomba que aparece na janela, comete suicídio, pedindo-a que leve sua alma para junto da de sua amada, na outra vida.

### **AS INTENÇÕES DA AUTORA**

Para iniciarmos o nosso olhar sobre a recepção, iniciaremos com um olhar sobre as intenções da autora ao produzir o conto, para isso, usamos um questionário com cinco perguntas a autora, que, quando questionada sobre sua intenção, respondeu: “Eu tinha escrito para um livro colaborativo que participei, e queria dar o ar de Edgar Allan Poe, que era o objetivo”.

No entanto, ao analisarmos as recepções de seu conto, percebemos que, em nenhum momento, nenhuma das leitoras citou e/ou fez qualquer referência e/ou comparação com qualquer obra de Edgar Allan Poe. Talvez nenhuma das leitoras tenha lido qualquer narrativa de Poe, logo, ao lerem o conto de Marielle, não fizeram qualquer referência a ele.

Talvez, essa possível falta de referência ao poema de Poe, seja o que distingue o conto de Marielle e que, por isso, lhe atribua um teor maior de originalidade, uma vez que, embora um ou outro personagem faça qualquer referência a Poe, devemos levar em consideração que, na verdade, como diz Bakhtin (2011), “Cada personagem expressa a si mesma, o todo da obra é uma expressão do autor” (Bakhtin, 2011, p. 60), o que acaba, de certo modo, deixando tal referência de forma implícita, se consideramos o todo do conto uma expressão de sua autora, Marielle, além disso, concordemos com Iser (1996) que diz:

é de se supor que cada texto literário representa uma perspectiva do mundo, criada por seu autor. O texto literário, enquanto tal, não apresenta uma mera cópia do mundo dado, mas constitui um mundo do material que lhe é dado. É no modo da constituição que se manifesta a perspectiva do autor. (Iser, 1996, p. 73-74)

Nesse caso, como disse Marielle, ela escreveu para um livro colaborativo cujo tema de inspiração era Edgar Allan Poe, vale deixar claro que a autora deveria se inspirar na obra de Poe, não o imitar, expressando na sua escrita sua peculiaridade de escrever, isto é, sua própria literariedade.

Essa questão relacionada à inspiração foi a resposta da nossa segunda pergunta à autora, quando questionada sobre sua inspiração, ela respondeu “Me inspirei em Edgar Allan Poe, no poema “O Corvo”. Que era o que o ‘concurso’ pediu.”. Logo, a partir do que lhe foi dado, ela criou seu próprio “mundo”.

Portanto, complementando o que disse Bakhtin (2011) e Iser (1996), concordamos, também, com Compagnon (2010), afirmando que a obra literária “[...] corresponde às estruturas profundas de uma visão do mundo, a uma consciência de si e a uma consciência do mundo através dessa consciência de si, ou ainda a uma intenção em ato” (Compagnon, 2010, p. 65), uma vez que um dos temas trabalhados no conto de Marielle é o aborto, tema que esteve em polêmica na mídia brasileira, no que dizia respeito à sua permissão por lei, em alguns casos específicos, o que difere seu conto do de “O corvo” de Poe.

Nossa terceira pergunta foi em relação ao parentesco do casal principal, visto que eles eram primos, a autora respondeu que “Foi uma ideia que surgiu, acho que ficou mais dramático. Pensando atualmente”. A relação entre primos é colocada, por Marielle, sob o julgamento dos leitores, que após “vivenciarem” um grande amor proibido, por ser mal visto pela sociedade, podem ou não refletirem sobre seu pensamento sobre o caso em questão.

Uma vez que, como afirma Iser (1996), embora os livros “desenvolvam os pensamentos de outrem, o leitor se transforma durante a leitura em sujeito desses pensamentos” (Iser, 1996, p. 85), tendo a experienciado um amor entre primos, o leitor pode mudar seu pensamento sobre tal assunto, assim, aceitando-o, “pois a ideia de que um texto efetiva determinadas mudanças no receptor é comprovada pela experiência” (Iser, 1996, p. 70).

Nossa quarta questão à autora foi em relação ao suicídio cometido por Edgar, no final do conto, a escritora respondeu que foi “Para deixar dramático. Quando eu leio penso que fica forte”. A questão do suicídio, como bem diz a própria autora do conto, é, até hoje, visto como algo horrível, pela maior parte da sociedade, simbolizando algo muito ruim, chocante.

Nesta questão, vemos mais uma vez a intenção da autora na obra, pois, de uma forma ou de outra, como diz Compagnon (2010), “permanece pois o autor, ainda que como ‘pensamento indeterminado’” (Compagnon, 2010, p. 65). Embora haja inspiração em outro autor, o modo como o conto de Marielle é desenvolvido, carrega em si tanto características dela quanto das ideologias que perpassam a sociedade em que ela está envolvida.

Logo, ao expor tanto a questão do relacionamento amoroso entre pessoas da mesma família, isto é, ao expor o incesto, quanto a questão do suicídio por falta de objetivo na vida ou por amor, ela nos instiga a refletir sobre tais temas, de modo que possamos aprimorar nossos conceitos e, com efeito, nossa relação com a sociedade.

Assim, vemos mais uma vez, de forma explícita o modo pelo qual a autora expõe o aborto em seu conto como expressão de sua intenção e/ou opinião sobre o assunto. Com efeito, quando questionada sobre o motivo de Helena, no final do conto abortar seu bebê, Marielle respondeu o seguinte: “O aborto acho algo terrível, e deixa a história triste, pelo menos para mim”.

Um fato interessante da última resposta de Marielle é que ela a termina com “pelo menos para mim” reconhecendo que há possibilidades de alguns de seus leitores/as considerarem o aborto algo comum, sem a carga dramática que ela gostaria de passar a obra. Além disso, é interessante perceber que a autora vê o aborto como algo horrível, no entanto, sua personagem principal, a Helena, no conto, comete aborto e, por consequência de sua ação, acaba morrendo também.

Estaria a autora tentando ensinar suas leitoras por meio do exemplo de sua personagem? Não sabemos, pois ela não nos fala claramente, porém é uma leitura válida e perceptível pela forma como a autora vê a questão do aborto, e claro, sua obra é um reflexo de suas opiniões e vivências.

### **A ARTE DE SE FAZER CIÊNCIA**

Este trabalho surgiu a partir de nossa inquietação a respeito da abertura da obra literária, nós queríamos descobrir se a obra literária é realmente aberta e até que grau ela seria aberta. Partimos, então, das teorias que já tínhamos conhecimento, uma vez que “As hipóteses derivadas de teorias são as mais interessantes no sentido de que proporcionam ligação clara com o conjunto mais amplo de conhecimentos das ciências. (GIL, 2002, p. 36). Assim, a partir dessa inquietação e do conhecimento que já tínhamos,

nós formulamos algumas perguntas sobre a abertura da obra, visto que “Ao formular perguntas sobre o tema, provoca-se sua problematização”. (Ibidem, p. 27). O nosso trabalho inicialmente se deu como uma pesquisa bibliográfica, que “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. (Ibidem, p. 44) e “Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, 122), chegando, a partir do conhecimento teórico, aos questionamentos sobre os qual a teoria nos incitava, visto que alguns teóricos afirmam que a obra literária é aberta à múltiplas interpretações; enquanto que outros negam essa abertura, afirmando que se a obra fosse aberta, seria apenas para que o leitor entrasse nela para obedecer sua estrutura, não sendo, dessa forma, aberta, já que o leitor teria de obedecer à sua estrutura imanente.

Com a nossa base já construída, nós passamos à fase de pesquisa exploratória, parte da pesquisa em que se “[...] busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa”. (Ibidem, p. 123). Daí nós delimitamos nosso universo de pesquisa, que consiste em “[...] explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos, etc. serão pesquisadas, enumerando suas características comuns, como, por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem, comunidade onde vivem etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2013, p. 112). Sendo, assim, todas as leitoras universitárias, mais precisamente do curso de língua portuguesa, e de uma faixa etária muito próxima, variando entre 20-24 anos, sendo três delas parte de um ou outro grupo religioso enquanto que uma é mais afastada das questões religiosas. Sendo todas da cidade de Belém, e tendo em comum um grande hábito de ler. A partir da seleção das leitoras, que seriam a fonte de nosso objeto de estudo, foi-lhes dado uma cópia do conto e pedido que lessem, sem que comunicassem entre si, e entregassem-nos por escrito sua interpretação sobre o conto em questão. Daí foi que passamos a última parte da pesquisa, chegando à parte explicativa, que consiste em “[...] registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Além disso, vale ressaltar que, durante a nossa interpretação, nós levamos em consideração o fato de que se:

É comum tentar atribuir a um único acontecimento a condição de causador de outro. Todavia, na ciência moderna, especialmente nas ciências sociais, tende-se a acentuar a multiplicidade de condições, que, reunidas, tornam provável a ocorrência de determinado fenômeno. Assim, enquanto uma pessoa movida apenas pelo senso comum espera que um único fator seja suficiente para explicar determinado fato, o pesquisador planeja seu trabalho no sentido de verificar em que medida determinadas condições atuam tornando provável a ocorrência do fato. (GIL, 2002, p. 33)

Dessa forma, nós podemos perceber que, embora haja uma estrutura imanente à obra literária, houve uma grande variedade interpretativa entre as leitoras. Sem que, nenhuma dessas interpretações se dispersasse demasiadamente das perspectivas contidas no conto. Como se a obra interligasse as interpretações ou as leitoras, sem restringir a liberdade interpretativa de cada uma. Daí, concluímos que a estrutura imanente da obra literária não é o único fator que interfere nas interpretações dela, senão não haveria tamanha dispersão nas interpretações.

## **AS INTERPRETAÇÕES DAS LEITORAS**

Na minha opinião, Edgar e Helena por serem primos ou talvez por serem jovens demais seriam impedidos de viver e assumir um romance perante a família, o que os levou a terem um relacionamento as ocultas naquele hotel.

Tipo, pra mim o assunto do conto seria "Amor proibido". (Leitora 1)

Percebemos, que a leitora 1 inicia sua interpretação particularizando-a, ao inicia-la com “na minha opinião”. A partir disso, acreditamos ser válido ressaltar que, de acordo com Compagnon (2010), “o texto é prisioneiro de sua recepção aqui e agora [e que] um texto tem tantos sentidos quanto leitores, e [...] não há como estabelecer a validade (nem a invalidade) de uma interpretação” (Compagnon, 2010, p. 67), dessa forma, a interpretação dessa leitora é uma possibilidade do conto, visto que o amor proibido é a trama “principal” do conto.

Num segundo momento, percebemos que a leitora 1 acredita que a relação entre Edgar e Helena seja proibida, por causa de eles serem primos e jovens,



reconhecendo, assim, a inviabilidade e/ou não aceitação social e/ou familiar de um relacionamento entre pessoas da mesma família, isto é, da prática do incesto.

O que a leva a acreditar que o tema principal do conto seja “Amor proibido”. Essa conclusão da leitora 1, em relação ao tema do conto, é, segundo Iser (1996), condicionada pelas estratégias textuais que “organizam, por conseguinte, tanto o material, quanto suas condições comunicativas. Pois nelas, a organização do repertório imanente ao texto coincide com a iniciação dos atos de compreensão do leitor.” (Iser, 1996, p. 159), ainda sobre tal conclusão, reiteramos o que diz Iser (1996) com o que afirma Eco (2015), em suas próprias palavras:

As sugestões são voluntárias, estimuladas, explicitamente evocadas, mas dentro dos limites preestabelecidos pelo autor, ou, melhor, pela máquina estética que ele pôs em movimento. A máquina estética não ignora as capacidades pessoais de reação dos espectadores, pelo contrário, chama-as à ação e converte-as em condição necessária para sua substancia e para seu sucesso; mas orienta-as e domina-as. (Iser, 1996, p. 113)

Em outras palavras, o texto é organizado de tal modo que guia o leitor às possíveis ou cabíveis interpretações à obra. Sendo que essas interpretações são de caráter histórico, nos referimos a histórico aqui no sentido em que diz Portella (1970, p. 22), ou seja, num sentido sincrônico, não diacrônico, uma vez que as perspectivas de uma dada época podem divergir das de outra e, assim, por consequência, as interpretações. Com efeito, reiteramos que essa interpretação não é errônea ao mesmo tempo em que não é absoluta, uma vez que outra leitora pode ter outra interpretação, devido, como diz Iser (1996), ao caráter perspectivístico da obra literária ou, como diz Bakhtin (2011), polifônico, uma vez que:

Em toda parte há certa interseção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo aberto com réplicas do diálogo interior das personagens. Em toda parte certo conjunto de ideias, pensamentos e palavras se realizam em várias vozes desconexas ecoando a seu modo em cada uma delas. (Bakhtin, 2011, p. 199)

Dessa forma, a partir do momento em que concordamos de que a obra literária é composta por uma “pluralidade de consciências” (Ibidem, p. 341) carregando em sua essência “As visões de mundo personificadas em vozes” (Ibidem, p. 352), concordamos, enfim, com o fato de ela abrir alas para inúmeras interpretações, sendo cada uma dessas

visões uma possibilidade interpretativa no universo que existe na obra, dado que, como defende Eco (2015), “as interpretações são paralelas, de modo que uma exclui as outras, sem, contudo, negá-las.” (Eco, 2015, p. 95)

A interpretação da leitora 2 foi a seguinte:

Em O Anjo não há o que interpretar. A estória segue uma linearidade e tudo o que acontece está dentro do convencional. O amor oculto, revelado, clímax (gravidez e desentendimento), interrupção com a morte de Helena e a tentativa de reatar com suicídio de Edgar. Desde a primeira linha eu sabia que seguiria essa sequência e não fui surpreendida. (Leitora 2).

A interpretação da leitora 2 poderia ser considerada como a mais ousada, pois ela afirma já ter noção do que aconteceria durante o conto e que, por isso, não se surpreendeu com o final trágico, vendo o enredo como o de uma estória de amor que segue uma previsibilidade.

A leitora 2 faz uma interpretação mais rápida, objetiva e completa possível, levando em consideração os padrões que já conhece e destacando os principais temas do conto. Sendo assim, a leitora 2, ao contrário da leitora 1 que foca no tema do conto, foca no seu desenvolvimento ao longo do eixo temporal “em que os objetos imaginários criados pela representação se reúnem, criando uma ordem sucessiva” (Iser, 1996, p. 76).

A leitora 2 ao compará-la a sua gama de leituras anteriores, acaba classificando a obra como algo ordinário, sem “novidades”, o que Jauss (1994) chama de “literatura de culinária”, isto é, aquela obra que apenas reforça ou repudia o já conhecido e, por isso, sendo considerada uma obra de pouco valor estético.

A interpretação da leitora 3 foi a seguinte:

Achei a história bem triste, mas que mostra também como ações tem consequências e tudo mais. Eles estavam lá tipo uau, vivendo o amor intensamente etc. sem pensar muito. A menina principalmente porque eu acho que ela só ficou mais encantada, por assim dizer, por causa do poema (acho que era poema) que ele fez pra ela. Aí ela resolve logo abortar e acaba morrendo, coisa que eu também acho que ela podia ter sei lá, pensado melhor já que pelo menos o cara queria ficar com o bebe, ao invés de decidir na hora que estava nervosa etc. E no final teve aqueles pombos... Eu fiquei meio. ??? Quer dizer, os pombos o levaram lá. E aí depois eles meio que começaram a narrar a historia, acho que me perdi um pouco por ai hahahaha pq não sei, talvez eu não tenha captado a mensagem. Seriam anjos esses pombos? Ou a moça morta que vira pombo já que tem os olhos iguais né? Enfim , E ele se mata, ne? (Leitora 3).

A leitora 3, das quatro que leram o conto e nos cederam suas interpretações para análise, foi a única a dizer “Achei a história bem triste” revelando um efeito estético que foi intencionado pela autora, mostrando que as intenções de Marielle são possíveis de ocorrer. Ademais, essa leitora também revela sua comparação do conto à realidade que vive, dizendo que o conto “mostra também como ações tem consequências e tudo mais”.

Em relação ao amor vivido pelo casal, Edgar e Helena, a leitora 3 acredita que “ela só ficou mais encantada, por assim dizer, por causa do poema”, isto é, no ponto de vista dessa leitora, na verdade, Helena não amava Edgar e que apenas relacionou-se com ele, por causa do poema que recebera.

Além disso, podemos dizer que a leitora 3 fez uma comparação ao que acontece na vida real, moças e rapazes que “ficam”, como diz ela, “tipo uau vivendo o amor intensamente etc. sem pensar muito.” e que na hora em que acontece algum imprevisto, tentam “dar um jeitinho”, que nem sempre vale a pena.

Outrossim, a leitora 3, mais uma vez, relaciona o conto com a realidade, dizendo que “ela podia ter sei lá, pensado melhor já que pelo menos o cara queria ficar com o bebe, ao invés de decidir na hora que estava nervosa etc.”, uma vez que, na vida real, muitas jovens, com medo de dar algo errado no aborto ou somente para maior garantia de sua integridade física, preferem dar o filho após ter nascido ou, às vezes, como já fora relatado nos jornais, “jogar fora” o filho.

Ao final de sua interpretação, a leitora 3 demonstra certa dúvida em relação ao que seria o anjo, que é o título do conto, e sobre o possível suicídio de Edgar, pois, no final do conto, não fica explícito nem quem ou o que seria o anjo, tampouco se Edgar suicida-se ou não. Nesse momento ocorre claramente o fenômeno literário que Iser (1996) chama de “indeterminação”, isto é, lugares vagos de sentido nos quais o leitor é “convidado” a concluir o pensamento e/ou a ação, com suas próprias palavras, como diz Iser (1996):

A indeterminação, no entanto, não significa que a imaginação é completamente livre para imaginar qualquer coisa. Ao contrário, as estratégias textuais esboçam os caminhos pelos quais é orientada a atividade da imaginação; desse modo, o objeto estético pode constituir-se na consciência receptiva. (Iser, 1996, p. 169-170)

Sendo que toda interpretação surge a partir da relação entre o que Iser (1996) chama de “primeiro e segundo planos” (p. 178). É a partir da relação entre primeiro plano

ou o repertório do conto e o segundo plano ou o repertório de cada leitor que surge a interpretação ou o sentido, por isso toda obra literária é polifônica, embora essas múltiplas interpretações sejam “guiadas” pelas estratégias textuais da narrativa, que, por sua vez, não permitem que as interpretações “voem” para muito longe da narrativa.

Além disso, podemos perceber que, até onde parece, “só” a leitora 3 fundiu-se com os personagens da estória, a ponto de sentir certo sentimento de tristeza. Para Bakhtin (2011), ocorre que, durante a leitura há dois momentos, a um ele não atribui nenhuma definição, enquanto que ao outro chama de “compenetração”. Para o autor, antes de tudo o leitor incorpora ou funde-se com a personagem, o que o faz sentir as mesmas emoções, tristezas, etc. dos personagens. Daí, num segundo momento, o leitor desfaz essa fusão dele com o personagem, voltando para a “realidade”, a partir de onde ele interpretará a obra ou passagem que acabou de ler.

Em suas próprias palavras, em relação ao que ele chama de compenetração, diz que “O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele [...] Devo adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele o vivencia” (Bakhtin, 2011, p. 23-24), afirmando mais a frente que tal fusão é acompanhada de “desfusão”, digamos assim, uma vez que “a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração” (Bakhtin, 2011, p. 25)

Ainda sobre essa relação entre obra e leitor, Iser (1996) ao concordar com o pensamento de Poulet, citado por ele, afirma que “Os livros, diz ele, só no leitor ganham plena existência. Embora eles desenvolvam os pensamentos de outrem, o leitor se transforma durante a leitura em sujeito desses pensamentos” (Iser, 1996, p. 85), afirmando, portanto, o mesmo que afirma Bakhtin (2011), sobre essa fusão entre leitor, obra e personagens, relação essa que depois será reiterada por Zilberman (2001). Daí, ao falar sobre a relação entre autor e leitor, Iser (1996) diz que:

A obra literária tem dois pólos que podem ser chamados pólos artístico e estético. O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor. Segue dessa polaridade que é obra literária não se identifica nem com o texto, nem com sua concretização. Pois a obra é mais do que o texto, é só na concretização que ela se realiza. A concretização por sua vez não é livre das disposições do leitor, mesmo se tais disposições só se atualizam com as condições do texto. A obra literária se realiza então na convergência do texto com leitor; a obra

tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem a realidade de texto, nem as disposições do leitor. (Iser, 1996, p. 50)

A partir dessa consideração de Iser (1996), podemos, então, dizermos com Zilberman (2001) que “o livro um mediador não só entre pessoas diferentes, mas - e principalmente - entre a imagem externa e a interna de cada indivíduo” (Zilberman, 2001, p. 30) pelo fato de propiciar essa fusão entre “as pessoas”.

A interpretação da leitora 4 foi a seguinte:

Um fato interessante que só notei ao final da leitura é que o título do conto já é um prenúncio do que viria a acontecer. "O anjo" para um leitor desatento, pode significar apenas a idealização que ele faz da amada como um ser angelical, contudo penso que a autora foi muito além ao pensar esse título, pois o ser " anjo" não é um ser terrestre, não vive em nosso meio, logo o fato de a menina ter morrido aqui na terra implica em dizer que pode ter se tornado um anjo, pois segundo Edgar é digna disso e a descreve como: pura, prestativa e bondosa. A idealização que Edgar faz da amada também é muito marcante, pois ele vê a amada de forma pura e a idealiza de fato como um ser dotado de bondade. No entanto, entendemos que essas belas qualidades são idealistas. Quando a menina cheia de desespero tira a vida do próprio filho, entendemos que esse ser angelical descrito por Edgar é a visão dele sobre ela e vem à tona no trecho a seguir: " Mas sua fada havia perdido o brilho,".

Podemos interpretar também a imagem da pomba branca dentro do conto e suas inúmeras simbologias, pois, definitivamente a pomba deve ser o ser responsável por abrigar a alma de Helena e isso pode ser notado quando Edgar ver na pomba os olhos da menina.

A imagem da pomba branca numa perspectiva pagã, simboliza pureza, e diversas vezes Edgar exalta o caráter puro e angelical de Helena, e refere-se à pureza do amor. A pomba também é a ave que aparece associada à imagem de Afrodite e Eros, simbolizando a realização amorosa e dos desejos dos amantes, que se associarmos ao conto veremos que essa realização amorosa ocorreu no hotel onde se entregavam uma ao outro.

Uma outra interpretação vai dizer que a pomba representa, portanto, aquilo que o homem possui de imperecível e impalpável, é um princípio vital, a alma, a essência do amor. E segundo essa interpretação podemos afirmar também que a pomba representava o próprio amor entre os dois. (Leitora 4).

A leitora 4 começa sua interpretação observando o título, acreditando que o título do conto já seria uma “dica” de seu final. Explicitamente, as estratégias textuais nos guiam para o pensamento de que Helena tornar-se-ia um anjo, ao final do conto, porém, em momento, algum é confirma tal suspeita. Deixando indeterminado o que ou quem seria o anjo, a interpretação sobre ele pode variar muito de leitor para leitor, visto que o indeterminado é uma lacuna que deve ser preenchida pelo conhecimento deste. Sendo

que esse conhecimento, é claro, é o que adquirimos ao longo da vida, seja lendo outras obras, seja vivendo em sociedade “real”.

No segundo parágrafo, a leitora 4 tentando “colocar” a alma de Helena em algum corpo e, em seguida, discute as “mil e uma” possibilidades de interpretação cabíveis à pomba que aparece no final do conto de Marielle, chegando à conclusão de que a pomba seria a personificação ou representação do amor entre Edgar e Helena. Além disso, é interessante que a leitora consegue fazer, devido à pomba e o amor entre Helena e Edgar, uma relação com a estória de Afrodite e Eros.

O que nos mostra que a leitora em questão acabou por observar a obra sobre um único olhar, tentando entender a obra por meio de uma parte dela, mesmo que saibamos que “partes da obra não representarão o real conteúdo dela. Porém conforme os estudos da Estética da Recepção, nada impede o leitor de perceber o passo a passo da construção da interpretação completa de uma obra” (Félix e Reis, 2017, p. 69).

### **A MULTINTERPRETABILIDADE**

Assim como a obra literária é criada a partir do conhecimento que o autor tem sobre o mundo, claro que em conjunto com sua imaginação, o leitor, por sua vez, também se apoia no seu conhecimento sobre o mundo, esse mesmo processo aplica-se à interpretação feita pelo leitor, o que torna a interpretação, mesmo que guiada pelas estruturas do texto, variável e jamais exata.

Em síntese, ao longo desse trabalho vemos quatro interpretações distintas sobre o mesmo conto. A leitora 1, preocupada com o tema do conto, a leitora 2 que acreditava que o conto é simplório e tradicional, não tendo muito o que oferecer, a leitora 3 que deleitou do texto e, em seguida refletiu sobre ele, comparando-o indiretamente com a realidade, enquanto que a última, a leitora 4, preocupou-se em filosofar sobre o título, a pomba e a cor branca, relacionando o conto com Afrodite e Eros.

### **A OBRA LITERÁRIA**

A obra literária é algo que não precisa de ninguém, só precisa de apoio para seu desenvolvimento, que depois de desenvolvido pode seguir em frente sozinho. Assim, após sua publicação, isto é, após o livro “ganhar vida”, nem mesmo a interpretação de seu criador pode ser levada em consideração como absoluta, única, visto que,

provavelmente, o autor não estaria no mesmo estado de espírito que estava quando escreveu o texto.

Logo, sua interpretação poderia ser aceita historicamente como mais uma interpretação possível à obra “pois não há sentido único, original, no princípio, no fundo do texto. (COMPAGNON, 2010, p. 51), além do mais, a obra é, como diz Iser (1996), de caráter perspectivístico, sendo cada ponto de vista ou perspectiva uma possível interpretação, o que naturalmente faz da obra literária, em especial, polifônica.

A partir desses pressupostos, concordamos com Compagnon (2010), afirmando que “o Livro, a obra, cercados por um ritual místico, existem por si mesmos, desgarrados ao mesmo tempo de seu autor e de seu leitor” (Compagnon, 2010, p. 138), uma vez que o autor morre, os milhares de leitores morrem enquanto que o livro continua da mesma forma e com o mesmo tema. Vale reiterar que o que muda não é a obra, mas sim, seu público receptor, bem como seu ambiente de recepção.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi discutido e de nossas análises, chegamos à conclusão temporária, visto que podemos, a qualquer momento, aprimorar nosso pensamento sobre o assunto aqui discutido, de que durante a leitura nosso estado emocional ou de espírito pode influenciar de tal maneira em nossa interpretação que podemos passar despercebidamente sobre coisas que para nós seriam facilmente perceptíveis.

Além disso, podemos comprovar que realmente não existe uma única e absoluta interpretação cabível a uma dada obra literária. Sendo o repertório do leitor, o responsável por essas pequenas, porém significativas diferenças de olhares sobre a obra.

Concordamos com Portella (1970, p. 22) em que o momento histórico, assim como no caso do autor quando se põe a escrever, tem influências sobre a interpretação de cada leitor, embora essa influência sobre a interpretação do leitor possa vacilar entre seu conhecimento histórico e o contexto histórico em que se encontra, ou seja, uma pessoa que estuda muito a história grega e que pouco se importa com os acontecimentos de sua própria era, pode ter uma interpretação peculiar em relação a outras pessoas do mesmo contexto histórico, logo, o contexto histórico em fusão com o conhecimento histórico (conhecimento adquirido ao longo da vida) sejam a base para a interpretação, podendo, com certeza, num momento ou noutro, haver a predominância de um ou outro.

Sendo assim, embora a obra literária, na sua integridade física, seja independente de autor e leitor, a relação de existência entre eles é indispensável, pois um não existiria sem o outro. E, em se tratando da análise literária, concordamos com Portella (1970, p. 22), novamente, ao dizer que a análise não deve se “prender” somente ao fenômeno literário, mas também, como o diz Cândido (2006, p. 17), mas também às circunstâncias que influenciam esse fenômeno ou tudo aquilo que se faz necessário para seu entendimento.

Desta maneira essa perspectiva de abordagem do texto literário pode se tornar uma excelente forma de se trabalhar literatura em sala de aula como nos mostra Reis, Castro e Teixeira (2018, p. 227) que tiveram por objetivo em seu trabalho “analisar a experiência educacional de recepção do conto ‘Quarto de Hora’, de Maria Lúcia Medeiros, pelos alunos do 1º Ano do Ensino Médio” e desta maneira provaram como essa abordagem possui múltiplos caminhos.

Para efeito de conclusão, acreditamos que uma interpretação e/ou análise absoluta está fora de cogitação, pois um leitor nunca preencheria totalmente as lacunas de uma obra, bem como o pesquisador nunca descobriria o real estado de espírito do autor, tampouco do leitor. Na verdade, duvidamos se o próprio autor e/ou leitor poderia descrever, na íntegra, seu próprio estado de espírito após sua leitura.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Michail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 20014.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro e Prata, 2006.

CARDOSO, Marielle Pereira. **Diário de uma escritora**. Disponível em: <<http://mcardosoescritora.blogspot.com.br/p/sobre.html?m=1>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECO, Umberto. **Obra aberta: formas e indeterminações nas poéticas contemporâneas**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.



FÉLIX, Antônio D; REIS, Wellingson V. As inúmeras rotas em “nunca mais” de Edyr Proença. **Asas da Palavra**. Belém, v.14, n.1, p. 62-70, jan./jun. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 1-2. Tradução de Johannes Kretschmer. 34ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert, **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Vol. 36. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970

REIS, W.V; CASTRO, J.G.O; TEIXEIRA. L. R. Rito de passagem da vida: a recepção de Maria Lúcia Medeiros por alunos do Instituto Federal do Pará. **Cadernos de Pesquisa (UFMA)**. São Luís, v.25, n.2, p. 225-242, abr./jun. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001.